

Cruzada

O filme *Cruzada*, lançado em 2005 pelo diretor Ridley Scott, apresenta uma Idade Média que reproduz clichês sobre o período; todavia, tem o mérito de desconstruir outros e permite problematizar diversos temas como as representações das cruzadas, da Igreja, dos templários, de Saladino e a importância da religião no imaginário do medievo. Cabe ressaltar que a película de Scott foi lançada em 2005, quatro anos depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque, quando as Torres Gêmeas foram destruídas por radicais muçulmanos.

Esse fato colocou o termo cruzada no centro dos noticiários internacionais. Na época, o presidente estadunidense George W. Bush propôs “uma cruzada contra o mal do oriente”, organizando uma guerra contra os afegãos. Em resposta, Osama Bin Laden disse que os Estados Unidos realizavam no Afeganistão uma cruzada contra os muçulmanos. Bush foi criticado por usar o vocábulo “cruzada”, que remete a um sentido nocivo e vivo, na memória dos muçulmanos, como um episódio violento de perseguição religiosa que marcou o imaginário das nações islâmicas. Bush pediu desculpas à comunidade internacional e consagrou o termo “guerra ao terror” para referir-se às ações contra os afegãos.

O filme é ambientado no final do século XII (1184), após a denominada Segunda Cruzada (1147-1149) e antes do início da Terceira (1189), e gira em torno da reconquista, pelo sultão Saladino, de Jerusalém, tomada pelos cristãos em 1099, durante a Primeira Cruzada. Na história, o personagem principal é Balian, um jovem ferreiro francês que guarda luto pela morte de sua esposa e de seu filho, quando recebe a inesperada visita de seu pai, Godfrey de Ibelin – um conceituado Barão da Corte do Rei de Jerusalém, Balduíno IV –, que dedica sua vida a manter a paz na Terra Santa e convida o filho para segui-lo.

Os dois partem para Jerusalém, mas, no caminho, sofrem uma emboscada e Godfrey morre, deixando para o jovem terras e um título de nobreza. Em Jerusalém, Balian toma posse de sua herança e torna-se amigo do Rei e do conselheiro real Tiberías, que, no filme, é o artífice da política de convivência pacífica entre cristãos e muçulmanos, esses últimos representados por Saladino. No decorrer da trama, o ex-ferreiro acaba por se apaixonar e manter um relacionamento com a princesa Sibylla, a irmã do Rei, casada com Guy Lusignan, mostrado na película como um homem ambicioso e prepotente, que se torna monarca após a morte de Balduíno IV e conduz o reino a desastrosas guerras com Saladino. O grande vilão da trama é Reynald de Chatillon, cavaleiro da Ordem dos Templários, responsável pelo ataque a uma caravana muçulmana, fato que levou ao rompimento da trégua construída por Balduíno IV e à consequente investida de Saladino contra Jerusalém. Balian, após a prisão do soberano Guy Lusignan e a morte de Reynald por Saladino, assume a defesa de Jerusalém. O cerco à cidade santa culmina com a derrota dos cristãos e com o retorno de Balian à França, na companhia de Sybilla.

Um primeiro aspecto a ser questionado sobre o filme é a divisão das Cruzadas em oito expedições, concepção comum presente nos livros didáticos de história. Segundo Pernoud (1993, p. 24), a quantidade de pequenas expedições foi imensa, e

havia um fluxo ininterrupto de pessoas que peregrinavam constantemente para a Terra Santa. Dessa forma, tais eventos não podem ser divididos em blocos separados e estanques. Outro ponto a se destacar é que o título original do filme, *Kingdom of Heaven*, é mais adequado ao imaginário medieval do século XII, já que os textos do período falam em “peregrinação”, “guerra santa”, “expedição da cruz” e “passagem”. A expressão “Cruzada” somente passa a ser adotada a partir do século XIII, derivada do fato de os participantes das expedições considerarem-se “soldados de Cristo marcados com o sinal da cruz e por causa disso usarem uma cruz bordada na roupa” (FRANCO JÚNIOR, 1999, p. 5).

O filme reforça a ideia das Cruzadas como expedições meramente militares, mas existem registros históricos que demonstram que houve a participação de grupos plurais de pessoas de diversas classes sociais, assim como de homens, mulheres e crianças. Sobre a “primeira cruzada” (1096), Ana Comnena, filha do imperador Aleixo, relata que “foi [...] um movimento conjunto de homens e mulheres tal como ninguém se lembra de ter algum dia visto semelhante: as pessoas mais simples se sentiam realmente impelidas pelo desejo de venerar o Sepulcro do Senhor e de visitar lugares santos. [...] Esses homens tinham um ardor e impulso que todos os caminhos ficaram cobertos deles; os soldados eram acompanhados por uma multidão de gente desarmada mais numerosa do que grãos de areia e do que estrelas, carregando palmas e cruzes nos ombros” (apud PERNOUD, 1993, p. 19).

No filme de Scott, bem como frequentemente nos livros didáticos, a participação de homens comuns, mulheres e crianças nas Cruzadas é silenciada. No imaginário hegemônico, as imagens que as Cruzadas evocam são de tropas marchando, comandadas por chefes militares, homens que deixam suas famílias para trás. Porém, essas representações se chocam com a documentação da época, que revela que muitos cavaleiros e homens do povo levaram esposa e filhos nas Cruzadas. Eram famílias e linhagens inteiras que deveriam se instalar e permanecer em Jerusalém: “uma multidão incomensurável de homens com mulheres e crianças” (Ana Comnena apud PERNOUD, 1993, p. 25). Há ainda relatos de que muitas mulheres pegaram em armas para libertar Jerusalém. Algumas não hesitaram em envergar a cota de malha, o capacete e em manejar a espada, como as esposas dos normandos. Mas a maioria delas serviu como auxiliar ao invés de combatente, ocupando atividades como servir água e cuidar dos feridos (PERNOUD, 1993, p. 32). Na época, servir e cuidar eram ocupações naturalizadas como próprias às mulheres, pensamento fruto do machismo medieval. Admitir a atuação das mulheres nas Cruzadas, portanto, seria desconstruir a imagem patriarcal de que elas não podiam ser guerreiras, pois a guerra era um espaço que exigia atributos considerados exclusivamente masculinos.

Pernoud (1993) entende as Cruzadas como um grande movimento de peregrinação à Terra Santa, no qual o guerreiro ou qualquer pessoa que combatesse era recompensado com a indulgência depois da luta, estendida às suas esposas, caso permanecessem fiéis aos seus maridos. A peregrinação tinha a função de purgar os pecados, obter a salvação, curar doenças, cumprir promessas, agradecer as graças alcançadas ou simplesmente simbolizar a fé do indivíduo. A trajetória do peregrino assumia um sentido expiatório e funcionava como uma espécie de penitência: “quanto

mais obstáculos uma peregrinação colocasse, mais o peregrino estaria purificando os seus pecados” (FRANCO JÚNIOR, 1999, p. 23).

As Cruzadas não foram somente uma espécie de guerra santa empreendida pelos cristãos contra os muçulmanos que dominavam Jerusalém ou uma expedição puramente militar com cavaleiros armados, nem deliberadamente arquitetadas pela Igreja. Elas se originaram da conjugação de diversos fatores sociais, econômicos, culturais, religiosos, políticos e demográficos, manifestando-se em diferentes temporalidades e lugares da Europa. O movimento cruzadístico não se limitou à Terra Santa, tendo percorrido a Espanha e o “nordeste europeu contra os bálticos e os eslavos, em seguida contra os heréticos e mesmo contra os inimigos políticos do papado” (CARDINI, 2002, p. 480). Foi um evento complexo, que se direcionou para várias regiões, combatendo “os inimigos da fé cristã”, onde estivessem: fossem os muçulmanos, na Península Ibérica, ou os cátaros ou albigenses, no sul da França.

No início do filme, Balian amarga o suicídio de sua mulher após o falecimento do filho. Na cena, ela é decapitada e “despejada” em uma vala fora da cidade, prática comum no medievo, pois acreditava-se que cortar a cabeça do suicida o impedia de voltar ao mundo dos vivos para assombrar as pessoas (DELUMEAU, 1993, p. 94). A quem cometia suicídio era negado um enterro em cemitérios cristãos, por ser este considerado um ato demoníaco.

Após esse acontecimento, a despeito dos perigos e do custo altíssimo da viagem, Balian parte para Jerusalém em sua jornada espiritual, a fim de obter redenção ou recompensas materiais, ainda que isso significasse a morte, como ocorreu com seu pai Godfrey de Ibelin e com milhares de pessoas durante as Cruzadas. Após perder o pai e herdar seus bens, Balian assume o ideal paterno na busca por “um mundo melhor como jamais visto. Um reino de consciência”, ou seja, de convívio tolerante em Jerusalém, apaziguando os conflitos entre cristãos, muçulmanos e judeus. A tolerância também é o lema do rei de Jerusalém, Balduíno IV, um monarca cristão que no filme caracteriza-se por usar uma máscara metálica que esconde seu rosto marcado pela lepra. O principal interesse de Balduíno, Balian e seus seguidores é manter a paz em Jerusalém, numa espécie de fraternidade e convivência pacífica, evitando a guerra contra Saladino.

O discurso de tolerância e de conciliação presente em várias partes do filme por parte dos cristãos em Jerusalém deve ser problematizado porque não corresponde ao significado da cultura medieval, evidenciando uma projeção do presente no passado. No documentário (*História versus Hollywood*, DVD, Cruzada), Scott afirma que é preciso “olhar para o passado para enxergar um futuro diferente”, o que confirma a intenção do diretor de passar uma mensagem pacificadora entre cristãos, muçulmanos e judeus ao construir uma Jerusalém tão plural e tolerante. No filme, Scott acaba reduzindo a problemática dos embates entre muçulmanos, judeus e cristãos, concluindo que todos os lados têm suas razões, exceto os templários, vistos superficialmente como desordeiros que manifestavam violência gratuita. Esse discurso nivelador é comum nos dias de hoje, quando se trata da análise dos conflitos entre Israel e Palestina. Tal argumento desemboca numa falsa simetria e faz parecer que cristãos, judeus e muçulmanos têm os mesmos direitos e “oportunidades” na disputa

pelo controle político da região, sem considerar o apoio explícito dos Estados Unidos às causas judaicas e a força política da Igreja, que confere proteção aos cristãos, em detrimento da perseguição imposta aos muçulmanos.

O lema do personagem Balian – “Seja justo e Deus o amará” – parece retratar uma abordagem romantizada e pacificadora do conflito. Orientado pelo pai a buscar um reino de consciência, Balian exalta a fé e a relação individual com a divindade, em detrimento do Papado, que pregava a “guerra santa”. Aqui se pode notar que a adoção da noção de “consciência” se configura como uma espécie de transposição de um conceito do humanismo moderno, apesar de sabermos que em Jerusalém houve certa tolerância étnica e religiosa em determinados períodos. As Cruzadas, ainda que fossem uma reunião de peregrinos com objetivos diversos, eram legitimadas pelo Pontífice e deveriam atender a um intuito maior de “salvar” a Cristandade por meio do uso da força, a “guerra justa”, o que se configura uma grande violência contra o islamismo e o judaísmo, nesse contexto.

Um dos méritos do filme de Scott é apresentar os muçulmanos de forma digna, sem apelar para estereótipos de selvageria e barbárie, tão presentes no imaginário Ocidental. Saladino e seus seguidores são representados como guerreiros honrados e corajosos. Registros históricos confirmam a fama de Saladino como um grande líder e estrategista, destemido na batalha, mas investido de um código de honra que respeitava os adversários. A cena em que ele fornece água com gelo para aliviar o sofrimento do Rei cruzado Guy Lusignan é baseada em um acontecimento real (MAALOUF, 2001, p. 181) e explicita um código de conduta dos muçulmanos pelo qual não se pode matar um rei ou prisioneiro a quem se oferece água e comida. No filme, Saladino assassina Reynald de Chatillon, o templário, justificando: “Eu não te ofereci nada!”. Segundo documentos históricos, após a batalha de Hattin, Chantillon foi aprisionado e morto por Saladino (MAALOUF, 2001, p. 81).

Na cena do filme, durante o cerco de Saladino a Jerusalém, Balian questiona: “Lutamos por uma ofensa que não cometemos contra aqueles que não estavam vivos para serem ofendidos. O que é Jerusalém?”. Essa pergunta, ao mesmo tempo complexa e reveladora, pode servir para o professor/a professora trabalhar em sala de aula as múltiplas identidades da chamada cidade sagrada. Sagrada para os cristãos, por ser o local de crucificação e ressurreição de Jesus Cristo; para os judeus, por ter abrigado os dois primeiros grandes templos do judaísmo, erguidos respectivamente por Salomão e Herodes; e para os muçulmanos, por ser onde Maomé ascendeu ao Paraíso. Ao lado de Roma, Jerusalém era um dos principais destinos de peregrinação do medievo, local de fundação da primeira comunidade cristã onde se encontra o Santo Sepulcro. No período das Cruzadas, Jerusalém era considerada “o umbigo do mundo”, ideia fundamentada nas narrativas bíblicas: “Foi esta cidade de Jerusalém que eu situei em meio aos povos e em torno dela as nações (Ezequiel, 5:5)”. A peregrinação para Jerusalém era quase obrigatória e todo cristão “verdadeiro” deveria fazê-la pelo menos uma vez na vida. Também se configurava como uma das mais difíceis. Percorrer cinco mil quilômetros até a Terra Santa era uma aventura cheia de riscos, sobretudo no contexto das Cruzadas.

Tentando mostrar-se politicamente correto, o filme não aborda a violenta chegada dos cristãos a Jerusalém, que perseguiram e massacraram judeus e muçulmanos sitiando, à força, um território que não lhes pertencia em termos de ancestralidade. Talvez o diretor não desejasse produzir argumentos que justificassem historicamente temores atuais que acirrassem os conflitos entre países do Ocidente (sobretudo a França e a Grã-Bretanha e os Estados Unidos) e os países árabes. Na película, o silenciamento ao massacre dos judeus em Jerusalém durante as Cruzadas esconde um fato importante: se hoje os judeus compõem com o cristianismo um mesmo bloco ideológico contra o avanço do islã, no medievo o judeu era considerado tão infiel como o islâmico, pois jamais reconheceu Cristo como o messias e salvador. Segundo Poliacov, os judeus foram alvos de forte perseguição por parte dos cruzados, tendo sido vítimas de batismos forçados, saques e massacres de comunidades inteiras (1979, p. 36).

Um dos antagonistas do filme é o cavaleiro cruzado Guy Lusignan, cunhado do Rei Balduíno IV, que simboliza o poder e a defesa da supremacia cristã e assume o trono após a morte desse monarca, em 1185. Guy é construído como um vilão clichê; todavia, apesar dos maniqueísmos da película de Scott, Pernoud confirma “que ele era incompetente e muito mal visto pelos barões da Terra Santa” (s/d., p. 80). Na película, para se tornar soberano de Jerusalém, Lusignan se vale da Ordem dos Templários, representada pelo também vilão Reynald de Chatillon, caracterizado como um sujeito sanguinário, fanfarrão e desequilibrado, beirando a loucura. O filme, nesse aspecto, colabora para que os espectadores confundam o personagem histórico com a própria Ordem do Templo. Scott é fiel aos documentos da época, ao mostrar que Chantillon atacou, apesar das tréguas, uma rica caravana egípcia, precipitando o ataque de Saladino a Jerusalém (PERNOUD, s/d., p. 81). A descrição que Pernoud faz de Chantillon, “um aventureiro de baixa origem, possuidor de feudos na Transjordânia que havia conservado em seu domínio senhorial, hábitos de senhor-malfeitor” (s/d., p. 81), corrobora a representação negativa apresentada no filme. No entanto, a imagem do fanatismo coletivo dos templários é superficial. Ignora os ideais da Ordem, que pregava a união entre a vida militar e a religiosa, a defesa e o transporte dos peregrinos à Terra Santa e a proteção dos caminhos que levavam a Jerusalém. Esses ideais eram como um voto sagrado para os templários, que eram apoiados inicialmente pelo Papa e pela monarquia (depois a Ordem seria perseguida, acusada de sodomia, bruxaria, traição etc., tendo vários líderes sido queimados na fogueira e seus enormes bens confiscados). Os cavaleiros do templo constituíam parte ativa na defesa do Reino, representando a militarização gradual do cristianismo (cavaleiros treinados), em contraposição aos peregrinos e camponeses que seguiram as expedições.

A esse respeito, Santos (2008) ressalta: num ambiente de forte tensão originada pela tomada de Jerusalém por parte dos turcos (1090), o Ocidente viu-se na necessidade de criar mecanismos para a defesa dos peregrinos – que se dirigiam à Cidade Santa – e para libertar o reino de Jerusalém. Todo esse processo era favorecido por dois ideais medievais: a institucionalização da cavalaria e a “cristianização” da Guerra Santa. Foi nesse contexto que nasceram as Ordens militares durante a primeira metade do séc. XII, sendo a Ordem do Templo a pioneira, constituindo-se assim a primeira Ordem militar e religiosa da história. Se considerarmos a concepção que os

muçumanos tinham dos templários, veremos um quadro diferente do apresentado no filme por Scott. O cronista Ibn-al-Athir narra que eram guerreiros temidos, mas “homens piedosos que provavam a fidelidade à palavra dada” (apud PERNOUD, p. 156).

Nos minutos iniciais do filme, vemos o Rei Balduíno enforcar alguns templários por não terem aceitado as “concessões” feitas aos muçulmanos; todavia, a perseguição oficial aos “cavaleiros do templo” data do século XIV, durante o reinado de Felipe IV, o Belo. A Ordem foi perseguida e dissolvida “com base em acusações as quais praticamente todos na atualidade são unânimes em considerar falaciosas” (CARDINI, 2002, p. 481). Dessa forma, o filme colabora para uma visão pejorativa sobre a Ordem dos Templários, retratando os seus membros como cavaleiros sanguinários e atribuindo a eles a intolerância aos muçulmanos. Talvez para suprir a necessidade do esquema hollywoodiano em que a importância de um vilão explícito é fundamental para agradar o grande público.

A forma como a Igreja é mostrada na película também merece problematizações. Os membros do clero são retratados como homens interesseiros, oportunistas e mesquinhos, enquanto os protagonistas seriam modelos de um cristianismo “esclarecido”, mais preocupados com a ordem social e uma postura correta perante a justiça divina do que com preceitos e fanatismos religiosos. Exemplo disso, é a cena em que o padre rouba o crucifixo de ouro da esposa morta de Balian. Em outro momento do filme, durante o cerco de Jerusalém por Saladino, um bispo se acovarda diante do ataque e propõe que as autoridades da cidade fujam, deixando o povo à própria sorte. A Igreja é representada como uma instituição sem preocupações com o bem comum, símbolo de exploração dos populares, dos miseráveis e dos oprimidos, isto é, como uma entidade monolítica e opressora. Porém, a Igreja medieval era plural, repleta de contrastes e diferenças que devem ser lidos criticamente, sem homogeneizações. O momento em que Balian contraria os preceitos religiosos – ao permitir que os corpos dos cristãos sejam queimados para evitar a proliferação de doenças durante o cerco das muralhas de Jerusalém – é basilar nesse sentido, servindo para desconstruir a ideia de que os dogmas religiosos eram incontestáveis pelo homem medieval e que este não possuía também um entendimento mais objetivo e racional da realidade.

O personagem Balian merece algumas considerações. De um simples ferreiro, torna-se um cavaleiro medieval quase instantaneamente, vencendo, inclusive, um experiente guerreiro árabe na luta corpo a corpo. Porém, sabe-se – pelos documentos referentes à formação da cavalaria medieval – que ser um cavaleiro demandava muito tempo de aprendizagem, iniciada na mais tenra infância (PASTOREAU, 1989). Balian também demonstra outras habilidades incompatíveis com sua formação de ferreiro, como a veia estrategista militar e os cálculos traçados para articular a defesa dos muros de Jerusalém.

Na tentativa de se defender de possíveis críticas em relação à fidelidade histórica do filme *Cruzada*, Scott esclarece que no seu trabalho de reconstituição das Cruzadas existe um recorte interpretativo inerente à construção cinematográfica (documentário *História versus Hollywood*, DVD *Cruzadas*). Alega que seu filme obteve

o máximo de fidelidade possível para os limites de uma produção hollywoodiana, tendo conseguido conciliar os aspectos históricos com os padrões da indústria cinematográfica: “É preciso usar a máquina de Hollywood para fazer um filme desse custo. Não se permite aos bons historiadores especular. Eles não podem especular, pois quanto a eles a história são fatos. Mas onde um fato deixa de ser fato? [o fato] foi há 800 anos, você estava lá? Eu não! O que eu tento fazer é usar o máximo de história possível pra Hollywood” (documentário *História versus Hollywood*, DVD Cruzadas).

Todavia, nenhuma dessas “fórmulas” hollywoodianas desabona a obra de Scott enquanto recurso didático para se pensar a Idade Média. Ao docente cabe mediar a análise crítica do filme. De certa forma, a postura que um professor/uma professora deve adotar ao investigar uma obra cinematográfica em sala de aula não difere, portanto, daquela utilizada no estudo de um documento escrito. Ambos devem ser tratados como fontes históricas que atendem a condições de produção de uma época, valores e visões de mundo. Por fim, ao adotar o filme de Scott, o/a docente pode estimular seus alunos a pensar como as relações entre o passado e o presente são construídos na narrativa fílmica.

Apesar dos “arranjos” hollywoodianos, a película evidencia que, desde a tomada de Jerusalém pelos cruzados, em 1099, o domínio cristão perdurou por quase um século até a batalha de Hattin, quando Saladino retoma a cidade santa. É tarefa do professor fazer a conexão, esclarecendo como, a partir de então, as culturas muçulmana, cristã e judia sofreram sérias cisões. Esse jogo de “toma lá, dá cá”, envolvendo o domínio de Jerusalém, perdura por séculos e simboliza o drama de um conflito milenar cujas origens remontam às Cruzadas.

Referências bibliográficas

CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMIDT, Jean Claude (Orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. V. 1. Bauru: Edusc; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FRANCO JR., Hilário. **As Cruzadas – Guerra Santa entre Ocidente e Oriente**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

MAALOUF, Amin. **As Cruzadas vistas pelos árabes**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MELLO, José Roberto. **As Cruzadas**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios.)

PASTOREAU, Michel. **No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PERNOUD, Régine. **A mulher nos tempos das Cruzadas**. Campinas: Papyrus, 1993.

POLIAKOV, Leon. **De Cristo aos judeus da corte. História do antissemitismo I**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SANTOS, Carlos Emmanuel. A Charola Templária de Tomar – uma construção românica entre o Oriente e o Ocidente. **Medievalista**, ano 4, n. 4, 2008.